

## ***Guerra no Oriente Médio e os impactos para o agronegócio brasileiro***

10 de outubro de 2023

### **O contexto do confronto**

Israel e Palestina são países de território relativamente pequeno e, juntos, não chegam a 15 milhões de habitantes. Mas a guerra declarada pelo primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, após ataque do grupo Hamas a Israel, na Faixa de Gaza, no sábado (07/10), pode ter efeitos importantes sobre a economia global. Tudo indica que o conflito será prolongado e, mais uma vez, sem solução. Afinal é impensável que Israel simplesmente destrua toda a Faixa de Gaza.

E preocupa a reação internacional à guerra. Vale lembrar que a geopolítica do Oriente Médio é marcada por conflitos árabes-israelenses desde o fim da década de 1940, com a fundação do Estado de Israel pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os dois principais aspectos que será preciso estar atento acerca do conflito Israel-Hamas são a duração e a intensidade. Caso tenhamos um conflito que se estenda por um longo período, podemos ver preços de algumas commodities subindo de patamar.

### **Petróleo: impacto sobre preços e outras commodities**

A primeira reação imediata do mercado ante aos conflitos entre israelenses e o Hamas foi na cotação do petróleo. Os dois países envolvidos na guerra não são grandes exportadores de petróleo. Um dos principais produtores da matéria-prima é o Irã, que é uma das nações aliadas da Palestina. A deflagração dos ataques foi comemorada no país, além do presidente, Ebrahim Rais, ter classificado a situação como “legítima defesa” dos palestinos. Apesar disso, a missão do Irã na ONU negou envolvimento no ataque do grupo extremista.

Em meio a essas incertezas, a cotação do petróleo no mercado internacional disparou. O barril do tipo Brent fechou a segunda-feira (09/10) com alta de 4,2%, cotado

a US\$ 88,15. Caso os EUA considerem que o Irã está envolvido no ataque do Hamas em Israel, isso poderia levar os norte-americanos a apertarem controles contra o petróleo iraniano, reforçando sanções e garantindo mais o seu cumprimento. O segundo risco é que o conflito dificulte ou mesmo inviabilize a normalização das relações entre Arábia Saudita e Israel.

O terceiro risco é que o conflito se expanda e envolva outros atores, prejudicando a oferta regional de petróleo. O Oriente Médio é responsável por um terço da oferta global de petróleo, grande parte disso passando pelo estratégico Estreito de Hormuz. O estreito fica localizado entre o Golfo de Omã e o Golfo Pérsico e é responsável por levar cerca de 20% de todo o petróleo consumido no mundo. As cotações chegaram a disparar 5% nesta segunda-feira, diante dos temores de que as tensões no Oriente Médio amplifiquem as restrições de oferta já exacerbadas por cortes de produção em Rússia e Arábia Saudita.

No entanto, a barreira ainda intocada dos US\$ 90 por barril sugere que o mercado pode estar muito mais resistente a choques geopolíticos do que em 1973, quando uma guerra semelhante impulsionou os preços da commodity. Mais vulnerável que o petróleo, a disparada do gás natural pode ter implicações mais graves. Nos últimos anos, Israel avançou fortemente na exploração da commodity e descobriu diversos campos. O país determinou o fechamento de um desses campos, da Chevron, o que levou a uma disparada nos preços.

A guerra entre o Hamas e Israel acrescenta assim uma camada adicional de desconforto à situação global no mercado do gás natural e um potencial prêmio adicional sobre os preços do gás natural. O gás natural na Europa, por exemplo, subiu mais de 10% nesta segunda-feira (09/10). Outro país produtor de petróleo que pode impactar o mercado a depender dos novos rumos da guerra de Israel e Hamas é a Arábia Saudita. Embora por décadas o país tenha apoiado a Palestina, os EUA têm tentado negociar um amplo acordo para que a Arábia Saudita concorde em reconhecer diplomaticamente Israel.

Países envolvidos, como a Arábia Saudita, são grandes produtores de petróleo e podem aumentar ou até diminuir a quantidade de produção e exportação conforme seus

interesses. Dentre os principais impactos que a alta dos preços do petróleo tem sobre outras commodities, destacamos:

- Etanol de cana e etanol de milho: aumento da competitividade e da demanda de biocombustíveis, com alta dos preços às unidades produtoras.
- Diesel: empresas como a Petrobras começariam a repassar o custo para os combustíveis, impactando a inflação, com alta dos preços e pressão sobre valores de fretes e insumos agropecuários, com elevação dos custos de produção agrícolas.
- Fertilizantes: o petróleo é a principal matéria-prima dos fertilizantes nitrogenados. Uma disparada do petróleo pode influenciar no custo de produção dos fertilizantes, em um momento em que os preços dos grãos estão mais baixos. A preocupação seria com o custo de novas matérias-primas a serem adquiridas. O quanto será o impacto no custo de produção de fertilizantes e no custo de produção de culturas agrícolas irá depender dos desdobramentos do confronto. Os custos de produção para a safra de verão 2023/2024 estão praticamente fechados. Porém, ainda estão em aberto os custos de produção para a 2ª safra de milho de 2024, em que há forte peso dos nitrogenados (ureia) e pode interferir na já desestimulada intenção de plantio por parte dos produtores brasileiros.

### **Taxa de câmbio e inflação**

É pouco provável que a guerra se alastre pelos países do Oriente Médio, mas, ainda assim, a situação irá reforçar a aversão ao risco pelo qual os mercados globais enfrentam nas últimas semanas. Só a possibilidade de isso acontecer já mostra que a preferência pela liquidez dos agentes deve subir fazendo que ativos livres de risco subam, como é o caso do dólar. O processo de globalização tende a ser interrompido, com ainda mais intensidade no caso de uma guerra. Isso naturalmente faz a inflação subir, somado ao fato de uma provável alta do petróleo. A busca pela moeda norte-americana deve-se à sua segurança e rentabilidade. O aumento dos preços do petróleo

desencadeado pelo conflito entre Israel e Hamas no Oriente Médio é insuficiente para forçar a Petrobras a aumentar os preços de gasolina e, portanto, não sugere riscos para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor - Amplo (IPCA).

Caso a situação do conflito piore, há chances de impacto nos fluxos internacionais de capital, que buscariam refúgio no dólar e em títulos do Tesouro norte-americano, dando força extra a um movimento que já vem acontecendo nas últimas semanas e que tem provocado fuga de capital dos mercados emergentes e afetado suas moedas. Por ora, a incerteza sobre os desdobramentos e os efeitos no Oriente Médio e na economia mundial é muito alta. A piora da guerra pode desencadear uma busca forte por ativos livres de risco, como os títulos do Tesouro norte-americano, o que levaria os títulos dos juros longos dos EUA, que já atingiram o maior nível em 16 anos, a subirem mais.

A alta das taxas, que já tem retirado recursos dos mercados emergentes nas últimas semanas, tem potencial para provocar ainda mais fuga de capital caso haja uma escalada na tensão no Oriente Médio. Um dos riscos é que o conflito, que não está com jeito de acabar logo, vire uma guerra regional. Os riscos globais claramente se elevaram. A situação geopolítica vem se deteriorando na economia mundial nos últimos meses e o conflito desencadeado agora vem adicionar um novo elemento a esses problemas. Nesse ambiente, os EUA vão permanecer como o porto seguro mundial e a maior economia do mundo deve seguir atraindo capital internacional em detrimento de outras regiões, como China, demais emergentes e Europa.

### **Exportações e importações do agronegócio brasileiro**

Entre os dois países envolvidos na guerra, são mais relevantes as exportações do agronegócio brasileiro para Israel. Para a Palestina, as exportações do agronegócio brasileiro foram bem mais modestas, com apenas o equivalente a US\$ 29,9 milhões, predominantemente de carnes, cacau e outros itens alimentícios no ano passado.

Já para Israel, em 2022, o agronegócio brasileiro exportou o equivalente a US\$ 727,4 milhões, com preponderância de carnes, soja, milho, trigo, florestais, café e lácteos, conforme tabela abaixo:

### EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PARA ISRAEL - 2022

SEGMENTO	VALOR (US\$)	VOLUME (KG)	PARTICIPAÇÃO (US\$)
CARNES	246.952.641,00	40.099.830	33,949%
COMPLEXO SOJA	196.663.530,00	347.075.096	27,035%
CEREAIS, FARINHAS E PREPARAÇÕES	190.611.469,00	703.088.277	26,203%
PRODUTOS FLORESTAIS	29.062.250,00	50.794.894	3,995%
CAFÉ	25.573.158,00	5.508.349	3,516%
SUCOS	17.004.000,00	9.963.968	2,338%
LÁCTEOS	4.054.872,00	954.096	0,557%
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL	3.586.007,00	1.159.531	0,493%
DEMAIS PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL	3.425.941,00	985.810	0,471%
PRODUTOS ALIMENTÍCIOS DIVERSOS	2.815.377,00	2.034.269	0,387%
COUROS, PRODUTOS DE COURO E PELETERIA	2.739.467,00	193.995	0,377%
FRUTAS	1.324.775,00	389.234	0,182%
COMPLEXO SUCROALCOOLEIRO	1.062.597,00	2.104.690	0,146%
CHÁ, MATE E ESPECIARIAS	916.292,00	459.769	0,126%
FUMO E SEUS PRODUTOS	709.670,00	283.163	0,098%
CACAU E SEUS PRODUTOS	338.162,00	98.901	0,046%
PRODUTOS OLEAGINOSOS (EXCLUÍ SOJA)	308.201,00	228.622	0,042%
PRODUTOS APICOLAS	78.258,00	19.943	0,011%
PRODUTOS HORTÍCOLAS, LEGUMINOSAS, RAÍZES E TUBÉRCULOS	67.905,00	125.530	0,009%
PESCADOS	53.365,00	341	0,007%
FIBRAS E PRODUTOS TÊXTEIS	51.469,00	10.498	0,007%
BEBIDAS	32.712,00	15.253	0,004%
PLANTAS VIVAS E PRODUTOS DE FLORICULTURA	7,00	3	0,000%
<b>TOTAL</b>	<b>727.432.125,00</b>	<b>1.165.594.062</b>	<b>100%</b>

Na importação do agronegócio brasileiro, os principais itens importados de Israel pelo Brasil são fertilizantes, defensivos e sementes, tendo atingido o montante de US\$ 1,45 bilhão em 2022. Em 2022, Israel respondeu por 9% do cloreto de potássio importado pelo Brasil e 11% do fosfato diamônico (DAP) internalizado pelo País.

### Impactos para o agronegócio brasileiro

O confronto entre Israel e o grupo extremista Hamas não deve gerar impactos para o comércio agrícola entre Brasil e Israel. O principal efeito é indireto em virtude de o preço do petróleo poder subir ainda mais e refletir no custo de produção de fertilizantes, da energia, do diesel (em virtude da paridade de importação do petróleo) e dos fretes marítimos. No curto prazo, não haveria riscos quanto à disponibilidade de fertilizantes israelenses para a agricultura brasileira e nem efeitos nos embarques de produtos do agronegócio brasileiro a Israel.

O Brasil tem estoques de fertilizantes e não há problemas de abastecimento no momento. Também não deveremos ter interrupção das exportações de carnes, soja e milho para Israel. O petróleo é a principal matéria-prima dos fertilizantes nitrogenados.

Uma disparada do petróleo pode influenciar no custo de produção dos fertilizantes. Os custos de produção para a safra de verão 2023/2024 estão praticamente fechados.

Porém, ainda estão em aberto os custos de produção para a 2ª safra de milho de 2024, em que há forte peso dos nitrogenados (ureia) e pode interferir na já desestimulada intenção de plantio por parte dos produtores brasileiros. Antes do início do confronto, os preços da ureia já vinham em alta. A ureia foi o nitrogenado que mais subiu em setembro, com alta acumulada de 15% no mês, atingindo a cotação de US\$ 400 por tonelada CFR (cost and freight), enquanto os segmentos de fosfatados e potássicos seguem com cotações praticamente estáveis.

Outro risco para o agronegócio é a possibilidade de escalada do conflito para outros países do Oriente Médio. Os países árabes são importantes destinos das exportações agropecuárias brasileiras e estão próximos a Israel. É uma região que produz muito petróleo, portanto, se escalar mais ainda, vai refletir nos custos da energia. Como o Brasil é um País “neuro” no confronto, não deve sofrer com embargos, mas caso a região entre em conflito haveria riscos logísticos, sobretudo com os compradores árabes.

**Carlos Cogo**

*Pós-Graduação em Agronegócios pela Universidade Federal do PR (UFPR)*  
*Especialização em Análise de Mercados pela UFPR*  
*Colunista e Comentarista do CANAL RURAL e do CANAL DO CRIADOR*  
*Professor convidado da Fundação Dom Cabral em Gestão em Agronegócios*  
*Professor Convidado na Escola de Negócios da ATITUS*  
*Sócio-Diretor de Consultoria da Cogo Inteligência em Agronegócio*  
[www.carloscogo.com.br](http://www.carloscogo.com.br)